



ESTE ANO É QUE É

Há muito tempo (enfim, não assim há tanto tempo), havia um grande clube de futebol português que não conseguia voltar a ganhar campeonatos. Por maldade, os adeptos dos clubes rivais diziam, lá pelo Natal: “Prò ano é que é!”. Na economia portuguesa conhecemos bem este síndrome – mas já perdemos a inocência: não é prò ano, é este. É sempre este ano que batemos no fundo. Ano após ano.

A capacidade de resistência dos agentes económicos portugueses tem sido notável. Depois de uma década de crescimento medíocre, e entrando noutra década com o mesmo pé-coxinho, as empresas continuam a inventar formas de saltar obstáculos, de ter sucesso, de sobreviver. Sobretudo as empresas exportadoras, que se tornaram porta-estandarte da própria política económica. Nos jornais, muitas vezes perguntamos a quem as gere o que mais precisariam para singrar. A resposta está a ser cada vez mais coincidente. Despedimento individual? Formação profissional? Apoios financeiros? Não: Justiça. Tão simples quanto isso: Justiça. Um sistema que seja eficaz, que decida, que o faça em tempo útil, que seja previsível, em que possam confiar. Só se cresce e cria emprego investindo; só se investe existindo confiança – e previsibilidade.

As reformas da Justiça são um Rubicão para outros editoriais. Mas a necessidade “económica” é para este. Porque o “progresso” – essa palavra datada – tanto exige desembargos como viola, nessa fúria, regras essenciais à sociedade – ao Estado de Direito.

Os advogados são agentes da Justiça. E as Sociedades de Advogados são formas consagradas de organização do seu trabalho, de prestação de serviços, de exercício da prática. Esta sexta edição do Anuário das Sociedades de Advogados, do Negócios e da In-Lex, mostra bem como as sociedades estão cada vez mais comprometidas no seu próprio desenvolvimento e adaptação – inclusive ao período em que vivemos. São 156 as Sociedades que se associaram a esta edição de 2011, o número mais elevado de sempre, provenientes de todo o País. Essa é uma demonstração de confiança que este projecto, todos os anos, quer revalidar.

A crise económica é uma má notícia para os clientes de muitas sociedades e, portanto, também o é para as próprias firmas – inclusive economicamente. Há menos trabalho, há trabalho menos rentável, há problemas de cobranças. Os advogados têm sido elásticos na compensação das dificuldades financeiras dos seus clientes, quando as há, o que é mais fácil quando estão associados em organizações profissionais, como acontece com os milhares de advogados representados neste Anuário. Também nas firmas, houve nos últimos meses reestruturações, quebra de facturação, de rentabilidade e – num fenómeno sem precedentes nos últimos anos – redução do número de advogados em algumas sociedades, tendo alguns desses advogados saído para formar os seus próprios projectos.

Este Anuário não é uma lista de Sociedades de Advogados. É um retrato dessas Sociedades feito por elas mesmas. E é uma demonstração de vitalidade e de empenho junto de uma sociedade e de um tecido empresarial que precisa de colocar vírgulas onde estão pontos de interrogação. É sempre este ano que batemos no fundo. É sempre este ano que vencemos o fundo.

PEDRO SANTOS GUERREIRO

Director do Jornal de Negócios